

Um poema herói-cômico de Machado de Assis: análise dos manuscritos de “O Almada”

Flávia Barretto Corrêa Catita

Resumo

O meu projeto de pesquisa tem por objetivo analisar o poema herói-cômico “O Almada”, de Machado de Assis, a partir da reconstrução do percurso historiográfico de suas edições e de sua recepção, procurando compreender como esse texto de publicação acidentada e fragmentária se insere no conjunto da obra machadiana. Para isso, estou fazendo um levantamento de todas as edições do texto e das possíveis notícias contemporâneas às publicações deles. Uma primeira versão do poema foi publicada na *Revista brasileira* em 1879; em 1885, outro trecho do poema saiu na revista *A estação*; e, em 1901, Machado escolhe algumas estrofes para figurarem nas suas *Poesias completas*. A versão mais completa a que temos acesso vem da edição preparada por Mário de Alencar, com base no manuscrito do poema, publicada no livro *Outras relíquias*, em 1910, postumamente à morte de Machado. Pretendo fazer uma discussão sobre a recepção do poema e as implicações disso para o insucesso e relativo esquecimento dessa obra. Como parte dos resultados, pretendo também oferecer um texto fidedigno e confiável desse poema com o estabelecimento do texto a partir da consulta do manuscrito de “O Almada”, pertencente à ABL. Nesta comunicação, falarei um pouco mais sobre a história das edições desse texto, com que Machado de Assis trabalhou durante, pelo menos, 22 anos. Aparentemente, Machado nunca abandonou a ideia de publicá-lo e esse é dos poucos manuscritos que deixou para a posteridade, e o único, até onde sei, que deixou sem publicar (os outros manuscritos conhecidos são de poemas publicados e de dois romances, *Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires*). Pretendo discorrer também sobre o andamento da minha pesquisa, das dificuldades encontradas e das descobertas feitas até o momento.

Palavras-chave

Machado de Assis; *O Almada*; poema herói-cômico

1 Doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. E-mail: flavia.correa@usp.br.

O meu projeto de pesquisa tem por objetivo analisar o poema herói-cômico “O Almada”, de Machado de Assis, a partir da reconstrução do percurso historiográfico de suas edições e de sua recepção, procurando compreender como esse texto de publicação acidentada e fragmentária se insere no conjunto da obra machadiana.

Este poema nunca foi publicado integralmente enquanto o autor estava vivo, apesar de ser objeto de grande interesse para Machado que trabalhou ao longo de, pelo menos, 22 anos no desenvolvimento desse texto, como pude verificar durante a minha pesquisa.

A primeira versão do texto foi publicada em 15 de outubro de 1879, na *Revista brasileira*, com o título “A assuada”. Na verdade, essa publicação corresponde, em partes, ao Canto III de “O Almada”. Esse trecho também foi acompanhado de uma Advertência, à semelhança do que aconteceria no manuscrito do poema.

Anos mais tarde, em 15 de agosto de 1885, a revista *A estação* publicou algumas estrofes do canto V, com o título “Trecho de um poema inédito”. Quando Machado de Assis reúne suas *Poesias completas*, em 1901, não deixa de incluir alguns trechos do poema, sob o título “Velho fragmento”.

No entanto, a versão mais completa e conhecida do poema é a edição póstuma, organizada por Mario de Alencar, no livro *Outras relíquias*, de 1910. Na introdução, o organizador nos esclarece que usou como texto-base os manuscritos do poema pertencentes à Academia Brasileira de Letras:

O manuscrito autógrafo pertence à *Academia Brasileira*, a qual os editores devem o agradecimento público pela gentileza de lhes haver cedido cópia para esta publicação. É pena que não esteja completo; dos oito cantos em que foi composto, somente estão inteiros o 5.º, 6.º e 7.º, por se haverem perdido algumas folhas do manuscrito. (ASSIS, 1910:VI)

Em *Outras relíquias*, o poema “O Almada” vem acompanhado de uma Advertência e também de notas históricas e explicativas. Essas notas nunca apareceram quando os trechos do poema foram publicados durante a vida de Machado de Assis.

O caso das *Poesias completas*, reunião dos poemas de Machado, publicada em

1901, é enigmático. Ao final do livro há uma seção com notas explicativas sobre vários poemas (entre eles, “Potira”, “Lira chinesa” e “Lua nova”), mas nenhuma nota sobre “Velho fragmento”, nome atribuído por Machado a um trecho de “O Almada”. Aliás, nesse caso, o poema nem é precedido pela Advertência que introduz a história e contextualiza os fatos. Na *Revista Brasileira*, temos apenas a Advertência ao poema, sem notas explicativas. Na revista *A estação*, aparecem apenas as estrofes, sem notas nem introdução.

Durante a minha pesquisa, pude visitar a Academia Brasileira de Letras e consultar os manuscritos originais do poema. Durante as transcrições e cotejo, constatei várias divergências entre o manuscrito e o texto de 1910.

Nessa comunicação, pretendo discorrer sobre essas diferenças e colocar em discussão a dificuldade de se estabelecer um texto autêntico e confiável de “O Almada”. Usarei como base da apresentação as descobertas que tenho feito analisando o manuscrito.

O levantamento das variantes do poema, para além da documentação de crítica genética, pode ser importante para a interpretação e entendimento da obra. Na Advertência de 1879, há uma referência explícita à obra *O garatuja*, de José de Alencar, que desaparece na Advertência de 1910. Nessa versão, não há uma única menção sobre a obra de Alencar que, aliás, teve uma recepção bem mais ampla do que o poema de Machado de Assis.

Na Advertência ao poema, Machado define, com muita clareza, o gênero com que está trabalhando e faz o percurso de sua origem. De fato, o gênero herói-cômico teve início com Tassoni em 1622 na publicação da obra *La secchia rapita*, em que o escritor italiano fazia uma sátira à elite burguesa ao mesmo tempo em que parodiava o gênero épico. Em língua francesa, Boileau publicou *Le lutrin*, em 1701, valorizando o aspecto formal e rejeitando o uso de palavras de baixo calão em seu texto (algo que Tassoni apreciava). Em Portugal, Antonio Dinis da Cruz e Sousa se inspira em Boileau e escreve *O hissopo*, publicado em 1802 depois da morte do autor, cujos manuscritos circulavam “secretamente” muitos anos antes (CARREIRO, 2006, p. 111-113).

Em uma primeira pesquisa inicial sobre a recepção de “O Almada”, foi possível

localizar apenas uma notícia: em 7 de fevereiro de 1875, saiu no jornal *O Globo*, na “Secção Litteraria”, um artigo assinado por Salvador de Mendonça afirmando que Machado de Assis tinha um poema herói-cômico.

O próprio fato da recepção aparentemente modesta do poema já é, em si, significativo. A pouca recepção que teve o poema na época (e ainda hoje) contribui para o esquecimento dessa obra, como afirma Jauss:

Afinal, a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão somente de seu posicionamento no contexto sucessório do desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade, critérios estes de mais difícil apreensão (JAUSS, 1994:7-8).

Além do valor estético, o que determina também o sucesso (ou não) de uma obra é a sua implicação histórica que “manifesta-se na possibilidade de, numa cadeia de recepções, a compreensão dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de geração em geração, decidindo, assim, o próprio significado histórico de uma obra e tornando visível sua qualidade estética” (JAUSS, 1994:23). O contrário também pode acontecer, ou seja, essa obra pode ser ignorada na “cadeia de recepções” e não alcançar a fama almejada ou merecida.

Aqui também emergem algumas perguntas norteadoras da pesquisa que se pretende empreender: Por que Machado, um escritor tão cioso dos seus escritos e que não deixou nada incompleto, trabalhou nesse poema a vida inteira e, além de não publicá-lo integralmente, publicou-o chamando atenção para seu caráter fragmentário? Quais situações e contextos fizeram com que partes do poema viessem à tona em determinados momentos? Por que o poema teve uma recepção tão pequena e, ainda hoje, é tão desconhecido? Como entender esse texto na perspectiva de se compreender a obra de Machado como um “sistema” coerentemente organizado (SANTIAGO, 1978:27)? Por que o poema teve uma recepção tão pequena e, ainda hoje, é tão pouco conhecido? De que modo ele foi restaurado por Mário de Alencar e serviu para a consagração póstuma de Machado? Enfim, como esse texto se insere e dialoga com a obra machadiana em geral?

Durante a minha fala, procurarei responder algumas dessas questões com o que pude pesquisar até agora, levando em conta o contexto sócio histórico daquele momento.

Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Outras relíquias*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1910.

CARREIRO, Diego Raphael. *Entre a galhofa e a melancolia: Machado de Assis e a tradição herói-cômica*. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras, 2006, 205f. (Tese de doutoramento).

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

SANTIAGO, Silviano. “Retórica da verossimilhança”. In: _____. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978.